vinetur

OIV estima produção mundial de vinho em 225 milhões de hectolitros em 2026

A estimativa preliminar manteria a produção 7% abaixo da média dos últimos cinco anos pelo quarto ano consecutivo, com Espanha a contrariar as quebras noutros países

quinta-feira, 19 de novembro de 2026



A produção mundial de vinho está estimada em 225 milhões de hectolitros para a vindima de 2026, um nível que manteria a produção abaixo dos valores recentes pelo quarto ano consecutivo, segundo novos dados publicados pela Organização Internacional da Vinha e do Vinho.

Num comunicado divulgado na quarta-feira, 18 de novembro, e na sua Perspetiva Mundial da Produção de Vinho 2026, a OIV indicou que a estimativa central para a produção mundial de vinho deste ano é de 225 milhões de hectolitros, dentro de um intervalo entre 220 milhões e 230 milhões de hectolitros. A estimativa abrange apenas o vinho e exclui sumos e mostos.

A organização afirmou que este valor colocaria a produção mundial cerca de 7% abaixo da média dos cinco anos anteriores. O resultado aponta para um ajustamento continuado da oferta após várias vindimas fracas, embora as condições tenham variado bastante entre os maiores países produtores.

A Espanha foi uma das principais exceções. A OIV estimou a produção de vinho espanhola em 32,6 milhões de hectolitros em 2026, mais 13% do que em 2025 e 2% acima da média dos últimos cinco anos. Esta recuperação destaca-se face às quebras registadas em vários outros grandes produtores e poderá afetar o volume de vinho disponível para exportação pelos principais fornecedores mundiais.

A Itália, ainda o maior produtor nos dados divulgados pela OIV, foi estimada em 41,0 milhões de hectolitros. Este valor representa uma descida de 8% face a 2025 e fica 10% abaixo da média dos últimos cinco anos do país. A produção dos Estados Unidos foi projetada em 19,0 milhões de hectolitros, menos 5% do que em 2025 e 18% abaixo da média dos últimos cinco anos. A da Austrália foi estimada em 9,1 milhões de hectolitros, menos 19% do que em 2025 e 23% abaixo da sua média recente.

A OIV afirmou que as percentagens foram calculadas com base em valores subjacentes mais precisos do que os volumes arredondados apresentados nas tabelas. Por esse motivo, as variações percentuais nem sempre coincidem exatamente com cálculos simples feitos a partir dos valores arredondados.

A estimativa mais recente reforça os indícios de que o setor vitivinícola mundial continua num período de produção limitada. Quatro anos consecutivos abaixo da média recente sugerem que as vindimas mais fracas deixaram de ser um fenómeno isolado. Ainda assim, o panorama de 2026 é desigual. A recuperação espanhola contrasta com as quebras em Itália, nos Estados Unidos e na Austrália, mostrando que os resultados nacionais continuam a depender muito das condições locais de cultivo.

Esta divergência é relevante para o comércio. Os maiores exportadores europeus, sobretudo Itália e Espanha, desempenham um papel central na oferta mundial. Uma vindima mais forte em Espanha poderá aumentar a disponibilidade para exportação, enquanto uma colheita italiana menor poderá limitar a margem de manobra em alguns segmentos. A menor produção nos Estados Unidos e na Austrália poderá também reduzir a oferta proveniente desses países. No entanto, os dados da OIV, por si só, não permitem antecipar o que acontecerá aos preços, uma vez que as tendências de consumo e as existências também influenciam o mercado.

A OIV apresentou os valores de 2026 como estimativas preliminares. Baseiam-se em dados de países que representam cerca de 95% da produção mundial de vinho. Como acontece com qualquer estimativa antecipada de uma vindima, poderão ser revistos à medida que forem disponibilizadas informações nacionais mais completas.

O material publicado continha também uma discrepância quanto à variação mundial face ao ano anterior. O comunicado de 18 de novembro referia uma descida mundial próxima de 1% face a 2025, enquanto o relatório de perspetivas indicava uma quebra de 0,4%. Ambos os documentos coincidiam na estimativa central de produção, de 225 milhões de hectolitros, mas as diferentes taxas anuais deixam por esclarecer a variação mundial exata face a 2025, com base nas publicações atuais da OIV.

Apesar desta inconsistência, a mensagem geral do relatório é clara. A produção mundial de vinho continua baixa face aos padrões recentes, e a vindima de 2026 não representa um regresso pleno aos níveis médios. A estimativa da OIV sugere que o mercado continuará a operar com uma produção mais limitada do que em grande parte da década anterior, enquanto se altera o equilíbrio entre os principais países produtores.

Para produtores, exportadores e compradores, a repartição por país poderá ser tão importante como o total mundial. A recuperação espanhola poderá sustentar uma presença mais forte nos mercados de exportação após um ano mais fraco, enquanto os menores volumes em Itália, nos Estados Unidos e na Austrália poderão afetar a composição da oferta, a disponibilidade para contratos e os padrões de expedição. Estas mudanças deverão ser acompanhadas de perto pelo setor, sobretudo num mercado em que a oferta é apenas uma parte da equação e a procura também tem vindo a mudar.

A OIV não atribuiu um valor monetário à estimativa, e o indicador é expresso apenas em milhões de hectolitros para a vindima de 2026. A publicação centra-se na produção física, não nos preços, nas receitas ou no valor do comércio. Ainda assim, os dados constituem uma das principais indicações antecipadas da quantidade de vinho que o mundo deverá ter disponível a partir da colheita atual e da sua origem.